

Vol 5 Issue 11 August 2016

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Manichander Thammishetty
Ph.d Research Scholar, Faculty of Education IASE, Osmania University, Hyderabad.

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pintea Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S.KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan

More.....



THE PRESENCE OF BLACK PEOPLE IN AMAZONIA: REFLECTIONS ABOUT SOCIAL THOUGHT IN TOADAS SONGS TO PARINTINS'S BOI BUMBÁ FESTIVAL, STATE OF AMAZONAS - BRAZIL

Jéssica Dayse Matos Gomes¹ and Iraildes Caldas Torres²

¹Master degree student in Society and Culture in Amazonia – PPGSCA – UFAM. She's been tutored by Dr. Renilda Aparecida Costa.

²Post doctor degree in Social Anthropology by Université Lumiere Lyon 2, France. Professor and Researcher at Federal University of Amazonas– UFAM.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the social thought about the black presence in the Amazon. We emphasize the records on the black presence in regional historiography, the black presence in the state of Amazonas and the social role of blacks in two tunes of bumbá ox. bibliographical research and interviews covering the concepts of black presence in the Amazon relating to musical works that cover regional history was used. the black presence in social thought and historiographical Amazon appears. the black presence is discussed highlighting the quilombos, hovels and social thought in bumbá ox toadas Parintins trying to analyze how the auto black themes statement and slavery resistance is treated by history and regional music. This discussion shows social thought regarding the black presence developed in Amazonia, where being black often-seemed out of context of the identity of the region.

KEYWORDS :black; social thought; Amazon; toda song.

PRESENÇA NEGRA NA AMAZÔNIA: REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO SOCIAL PRESENTE EM TOADAS DE BOI BUMBÁ DE PARINTINS – AMAZONAS.

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise sobre o pensamento social a respeito da presença negra na Amazônia. Enfatiza-se os registros sobre a presença negra



na historiografia regional, a presença negra no Estado do Amazonas e o papel social de negros em duas toadas de boi bumbá. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica e entrevista abrangendo os conceitos da presença negra na Amazônia relacionando a obras musicais que abrangem a história regional. É apresentada a presença negra no pensamento social e historiográfico amazônico. Discute-se a presença negra destacando os quilombos, mocambos e o pensamento social nas toadas de boi bumbá de Parintins buscando analisar de que forma os temas auto declaração negra e resistência a escravidão é tratada pela história e música regional. Esta discussão mostra o pensamento social em relação à presença negra

desenvolvida na Amazônia, onde ser negro muitas vezes pareceu ser fora de contexto da identidade da região.

Palavras Chave: negro; pensamento social; Amazônia; toada.

INTRODUÇÃO

Pensar em negros na Amazônia não parece ser mais um equívoco histórico. O pensamento social enraizado nas comunidades amazônicas até então tratava o negro como indivíduo esquecido da historiografia, mas, a presença afro na região não deve ser tratada como irrelevante à compreensão sociocultural da Amazônia. Não mais.

Os dados sobre as populações negras amazônicas no Pará, Maranhão e na região fronteira com as Guianas são bastante expressivos, mas, quando nos reportamos ao Estado do Amazonas ainda se resente de mais pesquisas para a historiografia do negro nesse território. Em relação ao chamado Baixo Amazonas, que compreende hoje alguns municípios de Barreirinha, Nhamundá, Maués, Uruará e Parintins há informações limitadas sobre a presença negra.

O presente artigo apresenta considerações a respeito da presença negra na Amazônia e sua contribuição na formação do pensamento social amazônico. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica e entrevista abrangendo os conceitos da presença negra na Amazônia relacionando a obras musicais que abrangem a história regional.

A primeira parte do artigo tem por objetivo mostrar a presença negra no pensamento social e historiografia amazônica. Posteriormente, discute-se a presença negra destacando os Quilombos, mocambos e o pensamento social nas toadas de boi bumbá de Parintins onde se analisa de que forma os temas auto declaração negra e resistência a escravidão é tratada pela história e música regional.

A presença negra no pensamento social e historiografia amazônica

Na mitologia amazônica se propagou a crença na baixa presença de população negra, mito que se mantém devido em parte a conceitos étnicos errôneos generalizados e principalmente ao desconhecimento da produção bibliográfica sobre o tema no contexto regional. A não sistematização e disponibilização de dados até então dispersos sobre as vivências negras na Amazônia também contribuem para que a crença continue, mas, com a divulgação e maior discussão sobre o tema novas concepções consolidadas mostrarão uma realidade diferenciada do imaginário popular (SILVA JUNIOR, 2006).

Para o historiador Vicente Sales, autor de dois livros intitulados *O negro no Pará* e *O negro na formação da sociedade paraense*, o estudo da presença negra e sua influência no desenvolvimento cultural na Amazônia é marcado pela chegada dos primeiros negros tratados como escravos ainda no início da ocupação da região no século XVI. O autor afirma que o declínio do monopólio comercial português no Oriente e o domínio holandês em Pernambuco (1630-1654) trouxeram a necessidade de novos solos para a produção canavieira e a procura de especiarias na floresta compõem o ambiente em que o negro africano iria ingressar, marcando “profundamente a sua presença na Amazônia” (PEREIRA E COSTA, 2014, p.113; SALES, 2004. p. 17). Vicente Salles considera que “no Amazonas, o rio Negro tinha apenas 710 escravos negros, o que vem confirmar a tendência de concentração do contingente da população negra e mulata no baixo Amazonas e em Belém, e uma pequena participação nos rios Negro e Solimões (SALLES, 1988, p.72)

Para Sousa (2002) a importação de escravos africanos era a solução quando o branco não podia contar com o trabalho indígena. Deve-se considerar que a utilização da mão-de-obra indígena foi uma

das características marcantes do processo de conquista na Amazônia. Perseguidos e escravizados, os índios supriram com dificuldade às exigências dos colonos que se mostravam “incapazes financeiramente” de comprar escravos negros, pois, estes eram mais caros do que índios (SOUSA, 2002, p. 2).

Sampaio (2011, p.280) considera que as pesquisas recentes sobre a escravidão na Amazônia asseguram que a utilização de mão de obra negra não teve tanta representatividade econômica no século XVII e XVIII, devido o predomínio de mão de obra indígena usada dentro de formas do trabalho compulsório, além da existência de uma população branca reduzida no período referenciado. A autora acrescenta que a partir da segunda metade do século XVIII se verifica um aumento importante em relação ao número de escravos negros, introduzidos na região a partir de interesses do Marquês de Pombal e suas medidas vinculadas à mediação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão que se torna uma realidade socioeconômica importante para a província, mesmo com a inegável predominância do uso de mão de obra dos índios durante o século das luzes.

Com o objetivo de ampliar o uso de mão de obra negra em substituição à mão de obra indígena, o projeto pombalino não surtiu efeito (SAMPAIO, 2011). Os escravos africanos em número reduzido e seu impacto na produção da economia regional dirigem para observações a respeito da presença negra na região amazônica. Sampaio (2011) salienta que o exame dos dados da Capitania do Rio Negro para os anos de 1775 a 1795 já se registram a presença dos escravos mesmo em face à predominância dos índios.

Durante o século XIX, período em que a região estava inserida em um império escravista a historiografia local observa a permanência do tratamento de “acessório” dado aos escravos negros; também mostra que as obras no período limitam-se em registrar a presença reduzida de negros escravizados e seu valor na Capitania do Rio Negro. No entanto, documentos apresentam dados significativos sobre os negros na região do Amazonas, onde os mesmos foram distribuídos e referenciados conforme o quadro (tabela I) abaixo:

Tabela I – População escrava por município, 1856.

Regiões	Adultos		Menores		Total
	H	M	H	M	
Capital	76	102	112	86	376
Barcelos	14	13	11	7	45
Silves	50	51	26	18	145
Vila Bela	62	37	50	31	180
Maués	26	21	18	12	77
Tefé	23	30	15	22	90

Fonte: Relatórios de Presidente de Província, 1856.

Costa (2014) considera que a valorização da posse escrava no período de 1850 a 1870 é resultado das leis de abolição do tráfico atlântico em 1850 e do ventre livre em 1871 que impulsionou movimentação no comércio interprovincial escravista para a região cafeeira, principalmente o Novo Oeste de São Paulo. Entretanto, assim como aconteceu no Pará, tal fator parece não ter modificado o quadro demográfico dos negros cativos em Manaus, uma vez que houve aumento quantitativo da população escrava, dando entender de que de que as elites proprietárias manauaras mantiveram seus escravos na província, cativos que eram uma importante forma de capital da província (COSTA, 2014; BEZERRA NETO, 2009).

Os dados demonstram que a capital do Amazonas tenha tido maior percentual de negros em sua porção territorial seguido por Vila Bela, próxima ao centro econômico do Rio Negro. Sampaio (2011, p.15) considera que em virtude dos ajustes tomados pela Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão na segunda metade do século XVIII, “é que se verifica um aumento importante do número de escravos negros introduzidos na Amazônia”.

O seguinte quadro demonstra a distribuição da população negra escrava em algumas áreas no Amazonas:

Tabela II – População escrava por Comarcas e grupos etários, 1870.

Faixas etárias	Capital		Parintins		Solimões		Total
	H	M	H	M	H	M	
01-15	79	57	36	33	9	13	227
16-40	63	125	29	33	23	20	293
+41	14	21	11	7	4	4	61

Fonte: Relatórios de Presidente de Província, 1870.

É sabido que por diversas questões, leis foram criadas realizando algumas mudanças na situação de vida dos negros no Brasil, como é o caso da Lei do Ventre Livre. Para Cavalcante (2013) a criação de leis e fundos para emancipação de negros a partir dos anos setenta do século XVIII fez com que as escravas buscassem ficar livres por vias legais, mantendo autonomia sem necessariamente romper relações com os antigos senhores. Essa atitude é justificada pela troca de proteção, abrigo e instrução aos seus filhos “ingênuos”, que acabavam por continuar o trabalho.

As escravas escolhiam para serem padrinhos de seus filhos os familiares dos senhores e pessoas públicas, realizando assim uma rede de parentesco fictício que dava proteção de uma liberdade precária a seus filhos. Essa situação pode ser verificada no quadro (tabela III) abaixo:

Tabela III – Demonstração dos filhos ingênuos de mulheres escravas no Amazonas, século XIX.

Municípios	Entregue as mães libertas		Em poder dos senhores das mães por opção de serviço		Total dos existentes
	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Sexo Masculino	Sexo Feminino	
Manaus	6	5	82	102	184
Manicoré	--	--	36	30	66
Itacoatiara	--	--	6	5	11
Tefé	--	--	7	5	12
Maués	--	--	19	8	27
Borba	--	--	12	6	18
Silves	--	--	3	2	5
Parintins	--	--	11	10	21
Barcelos	--	--	--	--	--
Total	6	5	176	168	344

Fonte: Ygor Olinto Rocha Cavalcante (2013).

Os primeiros artigos e parágrafos da redação da Lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871,

refletem as incertezas de intenções, ambiguidades e contradições dos autores da lei. Kátia Mattoso (1988, p. 54) entende que “as cláusulas restritivas, embutidas uma, na outra, no intuito de evitar a libertação de *menores*, são a própria evidência que apesar de livre o filho da escrava não deixou de perder seu valor de mão-de-obra, valor variável segundo sua idade”. As crianças continuavam presas por seus senhores o que soma ao número de escravizados no território amazonense.

No ano de 1856 apresenta-se uma quantidade de população negra escravizada no território do atual Estado do Amazonas e essa situação fica diferente anos depois, como pode ser visualizado no quadro abaixo (tabela IV):

Tabela IV – População escrava por municípios, 1884.

Municípios	Existentes		Total
	H	M	
Manaus	310	316	626
Manicoré	145	164	309
Itacoatiara	39	37	76
Tefê	87	84	171
Maués	2	7	9
Borba	66	98	164
Silves	8	7	15
Parintins	59	72	131
Barcelos	--	--	--

FONTE: Relatórios de Presidente de Província, 1884.

Percebe-se a grande quantidade de negros escravizados no Amazonas no século XIX, embora tenha persistido uma interpretação de que o número de africanos impactou modestamente a economia regional (SAMPAIO, 2007). O maior quantitativo de escravos centrava-se em Manaus, Manicoré, Tefé, Borba e Parintins, além de outros lugares no espaço amazonense.

Os dados apresentados mostram que é não se deve negligenciar a importância negra na região. Farias Júnior (2011, p. 131) a “presença negra” e a “história da escravidão” no território amazônico foram negadas por um longo período. Para o autor, alguns intérpretes da Amazônia, “esta seria uma ‘história menor’”. Tais intérpretes erroneamente insistiam em quantidade, como justificativa para a relevância social”.

Abreu (2014) considera que a escravidão negra na Amazônia que teve características peculiares no mesmo período. No entanto, a contribuição do negro em relação a sua cultura mesmo que matizada e misturada pela relação com os indígenas e com os colonos oriundos de Portugal além dos migrantes de outras partes constituem em seu conjunto a memória da Amazônia.

Para Figueiredo (1976), com o fim do tráfico os descendentes dos escravos começam a fazer parte de uma sociedade estratificada que se desenvolve lentamente, “formando a base de uma pirâmide social, misturados com mestiços, mamelucos e caboclos, constituindo o proletariado urbano e rural” (Figueiredo, 1976, p.151).

A mestiçagem abrangiu diretamente as populações amazônicas, uma vez que a região se constitui numa área fronteiriça em termos geográficos, característica da chamada mestiçagem racial. Para Salles (1971) em certas abordagens a respeito da presença negra na Amazônia ocorrem a negação da contribuição cultural do negro na região.

Kabengele Munanga em sua obra *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional*

versus identidade negra colabora com a discussão afirmando que “a mestiçagem do ponto de vista populacionista é um fenômeno universal, concebida como uma troca de genes de intensidade mais ou menos contrastada biologicamente” (1999, p.17). O autor observa que se sustentou uma ojeriza histórica e secular contra o negro e o que ele representa, relacionando-se à mestiçagem. Salienta que o Brasil e o mundo são dominados por um imaginário racista, sendo que, no território brasileiro se desenvolveu o projeto político de construção da nacionalidade brasileira marcado pelo “amorenamento” do país, a partir da ideia de um país mestiço denotando progresso, onde ser negro subentendia atraso.

Esta discussão mostra o pensamento social em relação à presença negra desenvolvida na Amazônia, onde ser negro muitas vezes pareceu ser fora de contexto da identidade da região.

Quilombos, mocambos e o pensamento social nas toadas de boi bumbá de Parintins

Silva Jr. (2006) considera que o movimento Negro, os conceitos Antropológicos e Histórico-Sociais bem como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE definem população negra (Afrodescendente) como sendo o conjunto de pessoas que se autodeclaram de cor preta e parda. No Estado do Amazonas muitos “pardos locais” se declaram descendentes de índios, refletindo inexatidão, o que não descarta o fato de que mesmo em minoria, significativa parcela dos pardos amazonenses é afrodescendente.

Para Silva Jr. (2006), no censo do IBGE (2000) a população do Amazonas tem a seguinte composição de cor e raça:

Branços	Pretos	Pardos	Amarelos (e Indígenas)
24,8%	3,7%	65,7%	4,4%

Tabela 1 – Declaração de cor/raça no Amazonas

Percebe-se que o amazonense afirma ter composição de cor e raça em grande maioria pardo. Silva Jr. (2006) observa que população negra no Estado do Amazonas não é apenas os indivíduos de cor preta, mas sim a soma dos que possuem cor preta e parda, expandindo ainda mais a representatividade dos afrodescendentes na população do estado. As pesquisas científicas reforçam a presença negra na Amazônia contrariando o senso comum de que a região é marcada pela predominância indígena e miscigenação com o europeu, “enquanto que a contribuição social, econômica e cultural do negro é sistematicamente diminuída ou menosprezada no conjunto das etnias formadoras da sociedade amazônica” (BENCHIMOL, 1999, p. 103).

De acordo com Silva Jr. (2006) a presença negra no estado do Amazonas, segundo documentos e relatos de época, teve aporte de escravos oriundos do Pará e Maranhão, possibilitando no estado influências culturais como o tambor de mina e o boi-bumbá, e sendo o Amazonas segundo estado do país a abolir a escravidão (4 anos antes da lei Áurea de 1888) após uma campanha abolicionista de 16 anos teve a African House e a fundação de “bairros negros” no pós-abolição como, por exemplo, a Vila São José (onde hoje é a Praça da Saudade), Praça 14 e o Zumbi dos Palmares. O Amazonas também teve em fins do séc. XIX o primeiro governador afrodescendente do Brasil, o senhor Eduardo Ribeiro, além de presença histórica de negros barbadianos e seus descendentes. Figueiredo (1976, p. 150) afirma que “muitos dos escravos fugidos das senzalas organizaram quilombos nas imediações das principais cidades amazônicas e mesmo no interior da região”. Segundo Gomes (1995/96, p.46):

A partir de 1850 apareceriam questões relacionadas à cessação do tráfico, guerras internacionais, discussões políticas sobre a legislação escravista, a propaganda abolicionista, etc. Tais

momentos de crise, entre outros, podem ter sido avaliados por parte dos escravos de determinadas regiões como favoráveis ou não para a realização de insurreições e/ou fugas coletivas para formarem quilombos.

Os termos quilombo e mocambo são sinônimos e referem-se locais de difícil acesso, forma estratégica de defesa e desenvolvimento da autonomia dos negros. Em busca da tão sonhada liberdade, os escravos fugiam atravessando matas, cachoeiras, florestas, rios, montanhas e igarapés buscando escapar para outras áreas. Os fugitivos conseguiam aliados importantes que contribuíam para a realização de sua odisseia de liberdade e assim, concluindo na formação de mocambos ou quilombos.

Para Carneiro (1964, p.35) os quilombos ou mocambos estabeleceram um evento singular, único, peculiar e sinteticamente dialético na história nacional independente de sua interpretação como forma de resistência à escravidão, como estabelecimento humano, como organização social, como reafirmação da importância das culturas africanas sobre todos os aspectos. O quilombo/mocambo configura-se como movimento opositor ao estilo de vida imposto pelo branco. Esses territórios mantinham a sua independência com ajuda das lavouras que os ex-escravos aprenderam com seus e com a defesa feita com as armas de fogo dos brancos e os arcos e flechas dos índios, quando necessário. O quilombo abrangeu muitos aspectos e práticas da sociedade que oprimia seus componentes, mas, ainda assim, firmou-se como um passo importante para a nacionalização da massa negra escravizada.

Comunidades quilombolas vem sendo reconhecidas através das lutas de seus remanescentes. No artigo *Quilombos na Amazônia: um esboço preliminar do Estudo de "Comunidades de Pretos" no Complexo Madeira*, Emmanuel de Almeida Farias Júnior (2007, p.7) considera a perspectiva de Fredrik Barth (2000) levando em conta a auto definição e como os remanescentes de quilombos são reconhecidos pelos outros. Na maioria das vezes poderemos encontrar topônimos, como "rio dos pretos", "lago dos pretos", "comunidade dos pretos", "lago do mocambo" ou ainda "Comunidade dos morenos".

Nas imediações do Pará e Amazonas, segundo Souza (1873) os mocambos eram lugares de grande atração para escravos, onde os negros cultivam a mandioca e o tabaco de melhor qualidade, além de colherem a castanha, a salsaparrilha, entre outros produtos. Os negros dos mocambos esporadicamente iam ao porto de Óbidos comercializar às escondidas no período noturno com os regatões que subiam o rio Trombetas. Os registros realizados pelo Cônego Francisco Bernardino atentam para o fato de os negros "amocambados" desenvolverem uma organização econômica-social altamente interessante para os que estavam cativos aliando o desejo de liberdade ao desejo de uma vida digna. As fugas incomodavam bastante para os senhores escravistas, pois, "além da grande falta de braços com que lutam os agricultores do Amazonas, em consequência da avultada emigração que aflui para os seringais, tem ainda de lutar com a praga dos *mocambos*, que são com uma viva e permanente ameaça!" (SOUZA, 1873, p.96). Para Braga (2011) é importante acrescentar que muitos mocambos eram constituídos tanto por negros fugidos quanto por indígenas, o que denota alianças entre os grupos para sua sobrevivência na Amazônia.

Na região do Baixo Amazonas, mais precisamente na área correspondente ao município de Parintins, a presença negra parece ter sido silenciada durante muito tempo, uma vez, que nesta região existem comunidades denominadas Mocambo do Arari, Mocambo do Mampurú, mas que ao se realizar pesquisas sobre as localidades, não se encontra diversidade de documentos ou mesmo grandes afirmações sobre a presença negra no território parintinense e em seu entorno.

No entanto, pesquisas recentes encontram nos documentos e jornais de séculos passados

destaques sobre negros na região de Parintins. Reis (1967) identifica em suas pesquisas que no ano de 1805 existiam mocambos compostos por negros e índios que resistiam ao trabalho escravo. Tais mocambos denominados de *bandos da Missão de Vila Nova*, localizados “à margem direita do Mamuru” e acima de sua foz, no distrito de Vila Bela da Imperatriz”, foram atacados por índios e tiveram seis negros enforcados a mando do colonizador (REIS, 1967; BRAGA, 2011).

Para Cavalcante (2013, p.25) as evidências da presença negra no Amazonas encontram-se em documentos que possuem dados e relatos como este a seguir:

Felipe “preto retinto, idade 22 anos, dentes partidos, tem sinais de surra”, conhecia algo daqueles furos, rios e igarapés. Em 1847, já havia fugido em direção a Comarca do Amazonas. Guardava na memória os tempos de resistência e liberdade vividos “ainda rapaz, sem barba, em Vila Nova da Rainha”, tocando sua guitarra. Na área próxima ao rio Urubu, região de “todo deserto”, as taperas das abandonadas freguesias” serviam de mocambos a escravos fugidos²³. Felipe podia guardar as antigas amizades quilombolas, protetores de fugas (açoutadores, dir-se-á), solidários por certo.

A descrição do negro Felipe mostra que houve presença negra em Parintins anteriormente denominada Vila Nova da Rainha. Este nome é devido a ilha de Tupinambarana ter sido aceita e elevada em 1803 à categoria de Missão Religiosa, pelo Capitão Mor do Pará, Conde dos Arcos, que encarregou o Frei José das Chagas como administrador do lugar que recebeu o nome de Vila Nova da Rainha, muitos anos depois essa missão seria Parintins.

Com relação a comunidade conhecida como Mocambo do Arari, distrito pertencente ao município de Parintins, deduz-se que este lugar foi área de fuga e as pesquisas evidenciam ainda mais isto. Conforme:

Cidades do interior, como é o caso de Vila Bela da Imperatriz (Parintins), também foram marcadas pela cultura escrava, pela resistência. Exemplo disso pôde ser verificado quando um de seus quarteirões era reconhecido, inclusive pelas próprias autoridades policiais, como “quarteirão do mocambo”, isto é, sua própria urbanidade estava atravessada pela resistência dos escravos, pela cultura dos fugitivos. A busca por autonomia marcava também as bases de uma sobrevivência cultural cuja lógica dava outros significados ao registro oficial para o espaço urbano. (CAVALCANTE, 2013, 140)

Os mocambos então se formaram como lugares da realização da liberdade tão sonhada pelos negros que sofriam com a escravidão. Na região de Parintins, pesquisas apontam uma das comunidades denominadas hoje “mocambo” como lugares de conflitos. Segundo o Ofício da Delegacia de Polícia de Vila Bela da Imperatriz de 3 de Novembro de 1862 para o Chefe de Polícia da Província Dr. Caetano Estelita Cavalcante Pessoa, um escravo chamado Maximiano José, de aparência mulata, apresentava ter trinta anos, sem barba, boa altura, sendo oficial de alfaiate fugia há vários meses e encontrava-se no “Quarteirão do Mocambo”, distrito de Vila Bela da Imperatriz (Parintins), para onde várias diligências foram enviadas com o objetivo de captura-lo. Segundo Cavalcante (2013) e Gomes (2006) o “Quarteirão do Mocambo” constituíam o típico “campo negro”, onde havia conflitos, solidariedades e proteção, conforme o registro abaixo:

Em Vila Bela da Imperatriz o escravo Maximiniano José, “mulato, 30 anos, sem barba, alto, oficial de alfaiate” vivia fugido há mais de dez meses no “Quarteirão do Mocambo”, distrito desta Vila, para onde várias diligências haviam sido enviadas a fim de captura-lo¹²⁷. Esses lugares constituíam o típico “campo negro”: lugar de conflitos, solidariedades e proteção que marcavam o cotidiano¹².

Na cidade de Parintins, a presença negra é reverenciada em muitos aspectos. Como exemplo de manifestação da cultura afro com suas influências temos o Festival Folclórico. Neste evento ocorrem cênicas, músicas e danças sobre a miscigenação e logo, a contribuição do negro para o desenvolvimento da festa.

O compositor Enéas Dias, ligado à Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido demonstra grande interesse em criar toadas voltadas para a temática negra. Ele enfatiza que uma de suas obras ainda não divulgada é “fruto de muita pesquisa dos quilombos por perto, como Barreirinha e Oriximiná e demonstra vontade de falar dessa questão que está na formação da nossa cultura, da nossa identidade, do nosso DNA”. A questão a que ele se refere é a presença negra na região de Parintins, que para o mesmo é importante para o autoconhecimento do parintinense, ou seja, é essencial a compreensão e constituição da identidade. Esta referência pode ser percebida na seguinte toada:

Veio pra nossa Amazônia, a cultura do bumba-meu-boi
No tempo áureo da borracha
Pelos nordestinos, foi trazido do sertão
E aqui o bumba-meu-boi se tornou boi bumbá
Auto de expressão popular
Que em Parintins crio raiz
Quando Lindolfo Monteverde
Descendentes de negros nordestinos
Cumprindo a promessa que fez a São João
Crio para a glória dessa terra
O boi bumbá garantido que virou tradição
A história revelou nosso poetas
Como o grande Vavazinho que ao luar
Cantavam pro boizinho nas ruas brincar
Bailando ao redor das fogueiras Que iluminava o caminho
Pra multidão vermelha da baixa passar
Brinca, brinca garantido, pra mostrar teu valor
Balanceia boi bonito, que o folclore consagrou
Brinca, Brinca Garantido folguedo de São João
Em defesa da Amazônia, da cultura e da tradição

A toada *Tradição Folclórica Da Amazônia* composta por Rosinaldo Carneiro e Marlon Brandão faz parte do CD oficial do Boi Garantido no ano de 2006 e ressalta que formação cultural do Amazonas com destaque para o folclore desenvolvido na região amazônica que tem a grande influência negra em sua constituição. Na obra, Lindolfo Monteverde, criador do boi Garantido é enfatizado em relação a sua herança negra nordestina, mais precisamente, do Estado do Maranhão. Com o período áureo da borracha, sabe-se que nordestinos, em grande parte negros, vieram para a Amazônia em busca de trabalho e uma vida digna trazendo consigo sua cultura com destaque para o bumba meu boi. No Estado do Amazonas o bumba meu boi virou boi bumbá, celebrando o auto que traz as culturas branca, negra e indígena. De acordo com Salles (1970, p.28 e Cavalcanti, 2000, p.1025) para a evolução do boi-bumbá tem-se por base a cidade de Belém. O folguedo chamado pelo autor de “insólito e agressivo” tem ligação com à presença negra na Amazônia, que perambulava pelas ruas, resultando frequentemente em baderna frente a atuação dos capoeiras, motivando forte repressão da polícia e sendo enquadrado nos códigos de postura corporais que proibiam o amontoamento de escravos para os fins não religiosos. O bumbá teria se estruturado na primeira metade do século XIX, antes da revolta popular da Cabanagem, numa época de precária estabilização do regime escravista na região e teria resistido à desorganização do regime civil (SALLES, 1970; CAVALCANTI, 2000).

Nas toadas de boi bumbá o pensamento social sobre a presença negra é identificado através da discussão do tema escravidão, luta pela liberdade, resistência através de fugas, formação de quilombos/mocambos e revoltas como exemplo a Cabanagem. Sobre o movimento tem-se interpretações de tal forma:

A história nos conta
O mundo dos índios e negros
Vivendo o tempo e o lugar de escravizar
Amazônia – colônia dos brancos
Vieram em degredo explorar os segredos
Da flora e do Riomar
Impuseram aos índios sua taba
(morada geral)
Isolado o nativo perdia o sentido
E o estilo da vida tribal
“Descimentos” no alto dos rios – levavam os gentios
Prisioneiros em “resgates”
Lograram os perdidos – menos oprimidos
Seguiam a chorar
Negro veio pela corrente
Suor e dor inclemente
Que o poder bruto do branco é o fogo
E não pode parar
Erguem a força da cabanagem
Lutam pela liberdade
Pra que num futuro
Vivamos em paz

A toada Tempos de Cabanagem de Tadeu Garcia e Paulinho Du Sagrado apresenta a Cabanagem como uma revolução de índios e negros em busca da liberdade. Demonstra também toda a opressão imaginada que era imposta a grupos considerados minorias na época cabana. Com ampla participação social, o movimento cabano abrangeu as elites anti-portuguesas mais abastadas, as populações indígenas, comunidades de escravos fugidos, quilombolas e soldados desertores, que tinham em comum a aversão ao mandonismo branco e luso (RICCI, 2007; CAVALCANTE, 2013).

Negros e índios erigiram mocambos/quilombos aliando suas necessidades. Gomes (2011, p.47) afirma que “em 1749, expedições destinadas ao “resgate de índios” descobriram um “importante mocambo” no rio Anauerapucu”, ou seja, negros e índios buscavam no mocambo um lugar de resistência, sobrevivência e organização social. Essa aliança provocou medos nas autoridades coloniais.

As toadas mostram visões existentes sobre negros na Amazônia assim como sua atuação social, no entanto de forma tímida, sem grandes destaques. Para o compositor Enéas Dias “a questão negra aparenta ser escondida pelos bois bumbas, como se o negro não tivesse participação nenhuma na nossa formação; no entanto, ele está totalmente entranhado”. Entende-se, pela fala do entrevistado que a presença negra nas toadas e no próprio boi bumba ainda é tratado em segundo plano, desfocado de todo espetáculo realizado com base na formação sociocultural amazônica.

A cultura negra no Amazonas ainda vem sendo revelada, com limitados enfoques em algumas

áreas, mas, com grande impulso em virtude das lutas de remanescentes quilombolas e discussão sobre diversidade cultural. O que deve-se considerar sua relevância na Amazônia de forma ampla e destituir quaisquer equívocos provenientes da falta de conhecimento sobre as vivências afro no território amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O negro na Amazônia suscita discussões de grande relevância no universo acadêmico. Muito se pensava em uma região amazônica caracterizada pelo predomínio da cultura indígena subjugada pelo processo de miscigenação branqueador influenciado pelos colonizadores. No entanto, as pesquisas e divulgação dos variados aspectos sobre a presença negra tem emergido no campo científico.

A presença negra na região amazônica apresenta inúmeras particularidades, principalmente, o processo de afirmação da identidade dos remanescentes de quilombos que buscam políticas públicas para a defesa de suas tradições e seus territórios.

As toadas apresentam concepções de seus compositores envolvendo o senso comum e o conhecimento historiográfico demonstrando que em ambos os campos existem múltiplos pensamentos sociais enraizados por grupos dominantes em contraversão às verdades defendidas por aqueles que foram e são considerados minorias na sociedade amazônica.

Entende-se que ainda existem diversos estereótipos, ignorâncias e desinteresses no tema presença negra na Amazônia, mas, que com a divulgação das pesquisas realizadas no meio acadêmico, essas ideias equivocadas serão ainda mais discutidas e vistas por outra ótica.

Em Parintins, os bois bumbas realizam seleções de toadas que atendem seus interesses, em grande parte comerciais, mas, o tema negro na Amazônia ainda aparece nas entrelinhas e ofuscado no enredo e cênica do festival.

REFERÊNCIAS:

- 1.ABREU, Tenner Inauhiny. Nascidos no grêmio da sociedade? Negros, índios e tapuias no mundo do trabalho na província do Amazonas (1850-1889). Revista Transversos, Rio de Janeiro, Vol. 01, nº. 01, p. 97-113, fevereiro de 2014. Disponível em: <www.transversos.com.br>. ISSN 2179-7528.
- 2.BARTH, Friedrik – “Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras”, in: Lask Tomke 2000 (org.). O Guru, O Iniciador e Outras variações Antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p. 25-57.
- 3.BENCHIMOL, Samuel. 1923. Amazônia – Formação Social e Cultural. Manaus: Editora Valer, Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
- 4.BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Danças e andanças de negros na Amazônia: por onde anda o filho de Catirina? In: O fim do silêncio: presença negra na Amazônia/ Patrícia Melo Sampaio (Organizadora). – Belém: Editora Açaí; CNPq, 2011.
- 5.CARNEIRO, Ediaon. Ladinos e crioulos. Rio, Civ. Bras., 1964. 240 p.
- 6.CAVALCANTE, Ygor Olinto Rocha. Uma viva e permanente ameaça: resistência, rebeldia e fugas de escravos no Amazonas Provincial. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- 7.COSTA, Jéssyka Sâmya Ladislau Pereira. Mercado e posse escrava: aspectos da escravidão urbana em Manaus (1850 – 1884). Anais do VII Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 5ª Conferência Internacional de História Econômica, Universidade Federal Fluminense, 2014.
- 8.FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida. Quilombolas no Amazonas: do Rio dos Pretos ao Quilombo do Tambor. In: O fim do silêncio: presença negra na Amazônia/ Patrícia Melo Sampaio (Organizadora). – Belém: Editora Açaí; CNPq, 2011.

9. FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida. Quilombolas na Amazônia: um esboço preliminar do estudo de comunidades de pretos no Complexo Madeira. In: II Encontro Brasileiro de Ciências Sociais e Barragens. Salvador, Bahia: Instituto de Geociências, Mestrado em Geografia/EDUFBA, 2007.
10. FIGUEIREDO, Napoleão. Presença africana na Amazônia. *Afroasia*, Salvador 12, p. 145-160, 1976.
11. GOMES, Flávio dos Santos Gomes. Em torno dos bumerangues: outras histórias de mocambos na Amazônia. *Revista USP*, São Paulo (28):40-55, dezembro/fevereiro 95/96.
12. GOMES, Flávio. Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 157.
13. GOMES, Robeilton de Souza. Fuga, sublevação e conflito: faces da resistência política na Amazônia colonial (sec. XVIII). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.
14. GOMES, Flávio; MARIN, Rosa. Reconfigurações coloniais: tráfico de indígenas, fugitivos e fronteiras no Grão-Pará e Guiana Francesa (séculos XVII e XVIII) - *Revista de História / Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo*. n. 149 (2003). p. 71 – 72.
15. IBGE. Censo Demográfico 2000. População residente por cor ou raça, segundo os municípios do Estado do Amazonas.
16. MATTOSO, Kátia de Queirós. O Filho da escrava (em torno da Lei do Ventre Livre) In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. V8. Nº16 Mar. 88/Ago 88. p. 54
17. MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 17.
18. PEREIRA, Edvaldo Santos e COSTA, Regina Barbosa da. A presença africana na Amazônia: o coletivo em Bruno de Menezes e o individual em Dalcídio Jurandir. Anais eletrônicos do XIV ABRALIC, Belém, Universidade Federal do Pará, setembro de 2014.
19. REIS, Arthur César Ferreira. As origens do município de Parintins. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1967.
20. RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *Tempo*, v.11, n.22, 2007.
21. SALLES, Vicente. O negro no Pará; sob regime de escravidão. Rio, Fundação Getúlio Vargas & Univ. Fed. do Parti, 1971. 336 p. illus.
22. SALLES, Vicente. O negro na formação da sociedade paraense. Textos reunidos. Belém: Paka-Tatu, 2004.
23. SILVA JR., Juarez C. da. A presença negra no Amazonas, 2006. Disponível em:
24. http://movimentoafro.amazonida.com/presenca_negra_no_amazonas.htm. Acesso em: 15 de janeiro de 2016 às 23h03.
25. SOUSA, James O. Mão-de-obra indígena na Amazônia Colonial. Em *Tempo de Histórias*, nº. 6, 2002.
26. SOUZA, Francisco Bernardino de. Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988, p.181.
27. SOUZA, Cônego Francisco Bernardino de. Lembranças e curiosidades do vale do Amazonas. Pará, Typografia do Futuro, 1873.
28. Entrevista realizada com Enéas Dias, compositor e músico da Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido, em outubro de 2015.

³ lei de 28 de setembro de 1871, conhecida como a Lei do ventre livre.

⁴Ver: GOMES, Flávio; MARIN, Rosa. Reconfigurações coloniais: tráfico de indígenas, fugitivos e

fronteiras no Grão-Pará e Guiana Francesa (séculos XVII e XVIII) - Revista de História / Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. n. 149 (2003). p. 71–72.

⁵Souza, Francisco Bernardino de. Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988, p.181.

⁶Ofício da Delegacia de Polícia de Vila Bela da Imperatriz de 3 de novembro de 1862 para o chefe de polícia da Província Dr. Caetano Estelita Cavalcante Pessoa. Livro de Ofícios da Secretaria de Polícia de 1862. Arquivo Público do Estado do Amazonas.



Jéssica Dayse Matos Gomes

Master degree student in Society and Culture in Amazonia – PPGSCA – UFAM. She's been tutored by Dr. Renilda Aparecida Costa.



Iraildes Caldas Torres

Post doctor degree in Social Anthropology by Université Lumiere Lyon 2, France. Professor and Researcher at Federal University of Amazonas– UFAM.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal

For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra
Contact-9595359435
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com
Website : www.ror.isrj.org